ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

Territorialidades da Formação: Narrativas Discentes Sobre O Movimento Interfaces II

Territorialidad de Formación: Narrativas Estudiantiles en El Movimiento Interfaces II

Luiz Paulo Da Silva Soares[1]
Emanuele Dias Lopes[2]
Samuel Crissandro Tavares Ferreira[3]
Priscila Wally Chagas[4]
Vânia Alves Martins Chaigar[5]

Resumo

Trata-se de um recorte da investigação, em fase inicial, "Cultura, estética e formação na/da cidade: redes de saberes, memórias, incompletudes e territorialidades" (CNPq/FURG). Entre os objetivos destacamos potencializar aprendizagens de discentes de graduação e pós-graduação mediante intercâmbios com saberes produzidos no espaço-tempo da cidade e a promoção de interlocuções entre "redes de saberes", culturas, memórias, estéticas, saberes e territorialidades. Buscamos envolver de forma articulada acadêmicos, docentes de escolas, da universidade e sujeitos de outros espaços educativos. Analisamos aqui o evento "Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em Diálogo", iniciado em 2012 e, recentemente, concluído sua quarta edição, tendo por tema "Escola e Universidade: utopias, tempos e experiências". Seus objetivos centrais são dar visibilidade às produções de licenciandos, promover o intercâmbio entre diferentes áreas e entre Escola e Universidade. O formato aberto e processual, as modalidades inclusivas e sensíveis, sua construção orgânica e independente, a repercussão junto a licenciandos, tem-nos feito refletir sobre seus alcances formativos e territorialidades levando-nos a pensá-lo (quem sabe?) como um movimento de discentes e docentes. Narrativas de discentes, que participam desse Movimento, são o pano de fundo de nossos questionamentos: Docentes e discentes se reconhecem como protagonistas na produção desse espaço-tempo formativo? O que estamos aprendendo com esse Movimento?

Palavras-Chave: Movimento Interfaces; protagonismos discentes; espaços-tempos formativos.

Resumen

Este es un extracto de la investigación en una etapa temprana, "Cultura, estética y formación sobre la ciudad: redes de conocimientos, recuerdos, incompletitud y territorialidad" (CNPq / FURG). Entre los objetivos destacamos potenciar el aprendizaje de los estudiantes de pregrado y postgrado a través de intercambios de

[1] Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG (FURG); luizsoaresrg@gmail.com.

[2] Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG (FURG); manudlopes@hotmail.com.

[3] Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG (FURG); apocalipse5-5@hotmail.com.

[4]Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG (FURG); Professora da Rede Municipal em Rio Grande/RS; priwallyfurg@yahoo.com.br.

[5] Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Professora Adjunta e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); vchaigar@gmail.com

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

conocimiento producidos en el espacio y tiempo de la ciudad y la promoción de diálogos entre las "redes de conocimiento", culturas, recuerdos, estética, conocimientos y la territorialidad. Buscamos involucrar de forma articulada investigadores, profesores de escuela, de universidad y sujetos de otros espacios educativos. Aquí analizamos el evento "Interfaces Pedagógico: Licenciaturas en diálogo", iniciado en 2012 y concluyendo recientemente su cuarta edición, con el tema "Escuela y la Universidad: Utopías, tiempos y experiencias." Sus principales objetivos son dar visibilidad a las producciones de licenciados, promover el intercambio entre diferentes áreas y entre la escuela y la universidad. El formato abierto y de procedimientos, modalidades inclusivas y sensibles, su construcción orgánica e independiente, repercute junto con los licenciandos, permitiéndoles reflexionar sobre sus alcances formativos y de territorialidad que nos lleva a pensar en ello (¿quién sabe?) como un movimiento de estudiantes y profesores. Las narrativas de los estudiantes que participan en este movimiento, son el punto central de nuestros cuestionamientos: Los maestros y los estudiantes son reconocidos como líderes en la producción de esta formación en este espacio-tiempo? Qué estamos aprendiendo con este movimiento?.

Palabras claves: Movimiento Interfaces; protagonismos estudiantil; espacio-tiempos formativos.

1. Primeiras palavras…

"Cultura, estética e formação na/da cidade: redes de saberes, memórias, incompletudes e territorialidades" é um projeto investigativo que reúne parcerias entre estudantes de pós-graduação em educação e graduação, professores investigadores da FURG, UFT, UFPel e UNISINOS, além de professores de escolas públicas riograndinas. Está sendo construído num contexto de crise política e assume um papel claramente a favor da emancipação social e dos protagonismos, sejam de estudantes e/ou de "praticantes" (CERTEAU, 1998) da cidade. Assumimos, junto com o autor referido, que os praticantes ressignificam práticas sociais e elaboram estratégias próprias de ação. São, portanto, seres de possibilidades e inventividade! No entanto, boa parte das práticas sociais e conhecimentos produzidos fora dos muros universitários e de suas *liturgias*, são tidos como menores e/ou inexistente perante o modelo que valida um único conhecimento e seus produtores. Constituem os "epistemicídios" (SOUSA SANTOS, 1997) repetidos através de séculos nos quais povos, conhecimentos e suas culturas tornam-se invisibilizadas.

O desejo de aproximação com práticas sociais produzidas no solo da cidade é também a aspiração pela humanização possível das relações aí produzidas. A complexidade dos convívios contemporâneos faz-nos pensar que toda experiência e sensibilidade são necessárias para construirmos pontes relacionais em que memórias, saberes e incompletudes sejam reconhecidos como bases de conhecimentos socialmente responsáveis. Embora o momento histórico de recuo do coletivo e as condições frágeis, para percebermos avanços e o lugar do novo, preferimos apostar na análise do geógrafo brasileiro Milton Santos, durante a abertura de sua conferência, no Fórum Social Mundial em Porto Alegre:

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

> A gestação do novo, na história, dá-se, freqüentemente, de modo quase imperceptível para os contemporâneos, já que suas sementes começam a se impor quando ainda o velho é quantitativamente dominante. É exatamente por isso que a "qualidade" do novo pode passar despercebida. (SANTOS, 2002).

Neste sentido o *trabalho de formigas* tece a paciência, face ao contexto de transição, e investe nas redes colaborativas, em epistemologias plurais e no protagonismo de discentes, seja nas salas de aulas, nos projetos de extensão e/ou de pesquisa, associado à valorização da escola pública e da sua produção de conhecimentos. O projeto "Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em Diálogo" insere-se nessa direção e busca aproximar licenciandos, as diferentes áreas de conhecimento, valorizar as Licenciaturas e os profissionais professores, renovando-se em temas e parcerias a cada edição. As modalidades inclusivas, sua maior riqueza, parecem, a cada ano, ganhar o coração de discentes universitários e professores de escolas gerando movimentos formativos que desejamos compreender melhor. Daí incluí-lo no projeto de pesquisa como um locus investigativo, sobretudo sua possibilidade de fomentar protagonismos em seus processos.

Para Cunha a condição de protagonismo é condição de inovação porque rompe com a relação sujeito-objeto historicamente proposta pela modernidade. Reconhece que tanto os alunos como os professores são sujeitos da prática pedagógica e, mesmo em posições diferentes, atuam como sujeitos ativos das suas aprendizagens (...).

> O protagonismo se afasta dos parâmetros únicos e estimula a autoria dos aprendizes na perspectiva da produção do conhecimento. Este não assume a condição de inédito, mas é novo para aquele que pela primeira vez o descobre, a partir da sua condição existencial. (CUNHA, 2006, p. 497).

Esta condição de ruptura na relação sujeito-objeto posta pelo paradigma dominante parece-nos fundamental na formação de professores, pois, também, poderá gerar mudanças na forma como o conhecimento é concebido e reconhecido, alargando-o e incluindo outras racionalidades/sensibilidades. Daí o objetivo de quebra de muros epistemológicos e a abertura para a produção viva e criativa da cidade.

Este ensaio explicita reflexões sobre processos e historicidades produtoras de protagonismos e territorialidades do movimento Interfaces e ratifica que "gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada" (SANTOS, 2002).

2. Ensaios sobre protagonismos II: a construção de territorialidades na diversidade

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

> Há um acúmulo de verdades essenciais que cabem na asa de um colibri e que são, entretanto, a chave da paz pública, a elevação espiritual e a grandeza da pátria. É necessário manter os homens no conhecimento da terra e da perdurabilidade e transcendência da vida.[6]

José Martí, educador, político e filósofo latino-americano, nos convida a refletir que as verdades essenciais, aquelas que nos trarão libertação, transformação e emancipação, na perspectiva mais "freireana" possível, cabem nas asas de um colibri. Portanto, tendo em mente tamanha complexidade e velocidade do movimento das asas dessa ave, constatamos o quão complexa é a construção de nossos protagonismos. Essa complexidade, que chamamos aqui de *entrevero*, é chamada assim pelo simples fato que o Movimento docente/discente, carrega em si seus próprios saberes e práticas, que ao se tornar práxis, se torna algo incontrolável por tecer outras relações com o nosso cotidiano. O Interfaces Pedagógicas é um pouco disso, uma tentativa de organizar contra hegemonicamente essas práxis para que ao mesmo tempo que não se desperdicem, possamos perceber que não estamos sozinhos na construção de nossas utopias, que transbordam para fora dos espaços-tempo que ocupamos.

Este ano, o IV Interfaces teve como tema *"Escola e Universidade – Utopias, tempos e experiências"*, construído a partir de nossas reuniões, como comissão, pois fomos percebendo a necessidade de articulações da escola com a universidade. Nosso objetivo ao propor esse tema era romper com os "muros" que apartam a universidade da vida lá fora. Esta quarta edição deteve-se a olhar com redobrada atenção e afetividade a Escola pública, estar ao seu lado e ratificá-la como espaço democrático, plural, laico e cidadão, reconhecendo-a como produtora de conhecimentos e parceira fundamental da universidade na formação de professores.

Cabe observar que o Interfaces Pedagógicas não esteve, não está e não estará preocupado, apenas, com o "produto" ou com os "resultados", pois estamos veementemente atentos às relações que se constroem, que se acoplam e que organicamente frutificam. Como nos lembra Paulo Freire, o processo é muito mais atraente:

> Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro tem por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outras são mais visíveis enquanto razão de ser. Por isso que a

[6]JOSÉ MARTÍ

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

> mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si. (FREIRE, 2011, p. 25).

Entendemos, por isso, que por mais que estejamos em espaços que tentam, por vezes, nos frear e impedir a construção desses saberes que se colocam em resistência ao que está hegemonicamente posto e ao mesmo tempo favorável na afirmação de nossa humanização, esses saberes se constituem na coletividade, na partilha e na compreensão do outro. E nessa solidariedade, que não pode ser falsa, mas que ao ser verdadeira nos potencializa na construção de nossa afirmação. Nesse ínterim, chamamos a atenção também que a nossa territorialidade é constituída na diversidade, pois a práxis que ocorre fora da universidade e aquelas práxis que são desenvolvidas na mesma universidade, mas de forma alternativa, são o resultado de múltiplos saberes e múltiplos fazeres. O educador Miguel Arroyo, nos elucida que essas diversas formas de saberes e de práticas, que aqui estamos tentando entender por territorialidade, é fruto de uma amálgama de resistências, saberes, práticas, experiências, etc..

Frente a este "não buscar" um produto final, é que o Interfaces vem trazendo, entre outras coisas, uma modalidade de apresentação de trabalhos denominada "Cirandas", com o objetivo de desconstruir a "frieza" presente em alguns projetos. Temos o privilégio, como discentes universitários, de ouvir sobre pesquisas, trabalhos de conclusão, contudo, pouco espaço há para que possamos, de fato, construir um saber coletivo, no sentido do "olho no olho", do diálogo conjunto e da desconstrução de modelos pré-estabelecidos, embora enraizados de rigor acadêmico. O processo, metaforicamente, se assemelha ao ir e vir das ondas do mar, isto é, nunca para. É um movimento de troca de saberes, de experiências e de variados tempos que faz com que um seja protagonista da própria aprendizagem e na do outro. É neste momento que o sentimento e o simbolismo se entrelaçam – são *tecidos* - em uma teia de saberes, pois, não é somente a linguagem que é capaz de articular o saber do ser humano Duarte Jr. (2002).

Em nossas sociedades latino-americanas são os grupos sociais, os "praticantes" (CERTEAU, 1998), que se fazem presentes em ações afirmativas nos campos, nas florestas, nas cidades, questionando as políticas públicas, resistindo à segregação, exigindo direitos. Inclusive o direito à escola, à universidade. São os coletivos sociais, de gênero, etnia, raça, camponeses, quilombolas, trabalhadores empobrecidos que se afirmam sujeitos de direitos. Outros Sujeitos. São seus filhos e suas filhas que se fazem presentes nas escolas públicas e que exigem o acesso às universidades. São os outros educandos. (ARROYO, 2014, p. 09).

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

Nossas realidades subdesenvolvidas, de povos colonizados, fazem de nossas vidas uma constante tentativa de afirmação, legitimando em forma de resistência, nossa existência para que a mesma não seja desperdiçada. Nessa resistência que se encontra em nossas práxis, nesse movimento que de forma contundente potencializa os nossos protagonismos, combate os "epistemicídios" e alimenta "subjetividades guerreiras" (SOUSA SANTOS, 1997, 2002) em rodas de Cirandas…

No que tange ao Interfaces, não é diferente, este é um movimento de interação, de diálogo, de encantamento, de cumplicidade, alegria, sensibilidade e reflexão. As palavras anteriores, por exemplo, surgiram de um exercício feito em umas das Cirandas, deste ano, e refletem sentimentos sobre o modo como os participantes significam a experiência. Outras palavras também configuram este processo de aprendizagem *tecidas* durante a realização do evento.

A narrativa tem sido um destaque tanto individual quanto em grupo e possui suas particularidades e singularidades. Cada um tece sua reflexão amparada por uma determinada perspectiva que vai sendo acrescida pelo do outro. Assim como a cada dia de nossa vida, já que em qualquer lugar e a todo o momento, há uma nova aprendizagem. E este processo de ensino-aprendizagem se transforma em um contínuo círculo, onde o trabalho de ensinar torna-se produtivo e extremamente gratificante. O professor, ao interagir com estudantes, ao trocar conhecimentos com os mesmos, estará aperfeiçoando a arte da docência e, ao mesmo tempo, ajudando discentes a se aproximarem dessa arte.

Entretanto, o Interfaces não se resume apenas aos dias de sua realização; ele está se configurando como um movimento que foi ganhando forma com o passar do tempo, principalmente através das parcerias, das trocas de experiências, ratificando ano após ano o nosso compromisso com a educação, com as escolas, com as licenciaturas e com a formação.

Sob a perspectiva do paradigma emergente, Souza Santos (1997), disserta sobre o "diálogo intercultural", que envolve uma série de questões culturais relacionadas à globalização. Para ele, o diálogo intercultural só acontece se os discursos culturais ocorrerem onde emergiram. Seguindo este pensamento, vivemos em uma teia que está interligada a tudo e a todos, possibilitando um intercambio de saberes, práticas, culturas e conhecimentos específicos e que podem e devem propiciar a alteridade como utopia entre os homens.

A Interface não se constrói apenas com as licenciaturas, mas também das escolas, dos professores das redes de ensino que concebem processos de ensino e aprendizagens com o intuito da transformação, da renovação. Nessa direção tem sido possível gerar reflexões a

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

respeito de nossos compromissos para com crianças e jovens e também problematizar conceitos e intencionalidades que estão na base de todo projeto formativo: Que conhecimentos? Para quê? Para/com quem? Quando o Interfaces alarga seus olhares e reconhece o protagonismo das escolas, sejam elas das redes municipais, estaduais ou privadas, passamos a ter nele o movimento do diálogo entre a Universidade e a Escola, o docente e o discente. Vivenciar o que acontece nas escolas, sob o olhar do estudante, traz riqueza ao conhecimento científico que a Academia se propõe a construir, além de ampliar o olhar dos participantes para um novo tipo de sujeito/aluno que ali se apresenta: Aquele que quer aprender através de uma educação sensível que envolva a música, a poesia, o desenho, a arte como um todo. E, que, sobretudo, tenha no seu professor a abertura para investir neste sonho que, para alguns é algo tão distante.

Restrepo reflete que "sabemos do A, do B e do C; sabemos do 1, do 2 e do 8; sabemos somar, multiplicar e dividir, mas nada sabemos de nossa vida afetiva, razão pela qual continuamos exibindo grande entorpecimento em nossas relações com os outros" (1998, p. 19). A socialização entre pares traz a eles mais do que o aprender comum ao campo educacional, pois potencializa, principalmente, a sua capacidade de ressignificar o saber e de ensinar junto ao outro. Este sentido, dado por Restrepo, temos percebido no movimento Interfaces.

Pactuamos também com Duarte Jr. quando expressa que "a experiência estética é uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja. Ela se dá com a percepção global de um universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação" (2002, p. 91). Esta relação de fazer e sentir-se parte de um universo, das relações interpessoais, dos movimentos pela cidade, das conversas e olhares sobre os trabalhos apresentados, das memórias narradas e que fazem do Interfaces Pedagógicas, um momento de *costura* daquilo que viemos pesquisando e buscando aperfeiçoar enquanto grupo constantemente inconcluso.

3. Breve síntese do *entrevero* narrativo: aprendizagens sobre protagonismos

Os enunciados, por vezes carregados de emoção, podem embaralhar razões instrumentalizadas para valorizar apenas o que lhes parece ter sentido prático, considerando o modo de produção e valores capitalistas. Caminhar na *contramão* de paradigmas hegemônicos para estudantes universitários requer um formidável exercício e investimento em "subjetividades guerreiras", conforme os discentes explicitaram referenciados no sociólogo

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

Boaventura de Sousa Santos. Requer também que se afirmem junto-com o outro, mediante projetos formativos nos quais pressintam *aromas* ou *aragens* do novo, posto que o novo ainda não está delineado, concretizado, segundo o geógrafo Milton Santos deixou como inspiração no início desta narrativa.

Os protagonismos pressentidos supõem-lhes um processo, uma inconclusão, típica das historicidades de cada um e dos contextos coletivos, como o que ora estamos a vivenciar. Não há uma única via para explicitar e vivenciar estes protagonismos, face às diferentes percepções de quem "vê e repara" (como diferenciou Saramago). No entanto alguns apontamentos sobre a construção desses protagonismos podem ser depreendidos. Um deles diz respeito ao papel da estética na formação, no valor ao que não pode ser explicitado apenas pela linguagem, que requer mobilizar outras racionalidades igualmente importantes na produção do conhecimento e permite identificarmo-nos pela estesia. Trazer a estesia em contraposição a anestesia, como propõe Duarte Jr, para os espaços formativos associada à ética relacional parece ser uma das aprendizagens mais valorizadas pelos discentes. A outra, que ganhou destaque, diz respeito ao papel da narrativa e ao seu modo artesanal, atravessado de humanas formas de contar e ouvir histórias. Cada um com seu jeito. Ao ouvir na horizontalidade da parceria ou, dizendo de outro modo, quando nos sentimos parte de algo em equidade de condições, aguçamos nossa atenção em direção ao outro e daí extraímos aprendizagens significativas. E, por fim, reconhecer a escola como produtora de conhecimentos e, portanto, território de formação e a necessidade dessa instituição intercambiar permanentemente com a Universidade podem auxiliar na construção de protagonismos, na medida em que nessa relação o licenciando vai ganhando confiança sobre o exercício da profissão professor e do universo da educação.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: as artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. (v. 1, As artes de fazer).

CUNHA, Maria Isabel da. A didática como construção: aprendendo com o fazer e pesquisando com o saber. In: SILVA, Aida Maria Monteiro et al (orgs.). **Educação formal e não formal, processos formativos, saberes pedagógicos**: desafios para a inclusão social. XIII ENDIPE. Recife: 2006, p. 485-503.

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

DUARTE, JR., João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação.** 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um encontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SANTOS, Milton. A transição em marcha. **Fórum Social Mundial**. Porto Alegre, 2002. Disponível em: http://wwwforumsocialmundial.org.br/dinamic/msantos.php

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 13. ed. Porto, Portugal: Afrontamento, 2002.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 48, p. 11-32, jun., 1997.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. (volume1.)